

PAUL RICOEUR E O ACONTECIMENTO

PAUL RICOEUR AND THE EVENT

Cristina Amaro Viana¹

Resumo:

O presente texto tem como objetivo explorar o viés fenomenológico da filosofia de Paul Ricoeur (1913-2005), por meio da explicitação da sua compreensão peculiar da noção de *acontecimento* (*événement*). Apesar de ser bastante conhecida a filiação de Ricoeur à fenomenologia husserliana, ainda são escassos os estudos sobre essa orientação de sua filosofia, sobretudo quando comparados àqueles que destacam os contornos hermenêutico e ético de sua obra. Buscaremos mostrar que o acontecimento, para Ricoeur, preserva uma dimensão selvagem que não desaparece mesmo após sua inserção na esfera do sentido linguístico. Embora de natureza distinta, acontecimento e sentido não se excluem mutuamente, mas antes se enriquecem a partir do intercâmbio criado na tentativa de melhor compreender a experiência humana.

Palavras-chave:

Acontecimento. Sentido. Discurso. Narrativa.

Abstract:

The present text aims to explore the phenomenological bias of Paul Ricoeur's (1913-2005) philosophy, by explaining his peculiar understanding of the notion of *event* (*événement*). Although Ricoeur's affiliation to Husserlian phenomenology is well known, researches on this orientation of his philosophy are still scarce, especially when compared to those that highlight the hermeneutic and ethical contours of his work. We will try to show that the event, for Ricoeur, preserves a wild dimension that does not disappear even after its insertion in the sphere of linguistic meaning. Although of a different nature, event and meaning don't exclude each other, but rather enrich each other from the exchange created in an attempt to better understand the human experience.

Keywords:

Event. Meaning. Speech. Narrative.

¹ Professora no PPGFIL e na Licenciatura em Filosofia na UFAL. Doutora pela UNICAMP. E-mail: cristina.viana@ichca.ufal.br

Introdução

Paul Ricoeur (1913-2005) foi um filósofo que produziu uma vasta obra sobre uma infinidade de temas, sendo comumente estudado em várias áreas do saber, tais como: História, Teoria Literária, Ciências da Religião, Psicanálise, Direito, além da Filosofia (SIMMS, 2003; PELLAUER, 2009). Nesta última, muito frequentemente o filósofo é classificado no rol dos expoentes da hermenêutica como representante ilustre da filosofia hermenêutica francesa, ao lado da mais robusta tradição alemã, da qual são icônicos os nomes de Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer². Ao mesmo tempo, é amplamente conhecido que Ricoeur foi herdeiro da fenomenologia husserliana (KEARNEY, 2004; IHDE, 1971), tendo também traduzido para a língua francesa o primeiro tomo da obra *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, de Husserl (1950).

No entanto, são ainda escassos os estudos que buscam especificar a fenomenologia de Ricoeur sem subsumi-la à sua hermenêutica. Quanto a isso, dignos de nota são alguns esforços recentes de pesquisadores, inclusive brasileiros (PRADELLE, 2017; SANTOS, 2022), que buscam entender a apropriação crítica que Ricoeur faz da fenomenologia, o que pode ser feito tanto esmiuçando a sua tese de doutorado – escrita notadamente sob a influência de Husserl (RICOEUR, 2009a) –, como também apreciando as transformações pelas quais o viés fenomenológico de seu pensamento passou conforme ele foi incorporando outras influências importantes, tais como a filosofia reflexiva de Jean Nabert (RICOEUR, 2009b), as reflexões epistemológicas de Freud (RICOEUR, 1977), as reflexões de cunho político (RICOEUR, 2017), as teorias da justiça (RICOEUR, 2008), etc.

Neste nosso breve texto, pretendemos trazer uma contribuição – ainda que singela – para os estudos atuais da obra ricoeuriana que buscam lançar luz sobre as feições que a herança fenomenológica adquiriu sob a pena de Ricoeur. Para tanto, nos debruçaremos sobre a noção de *acontecimento* (“*événement*”), tal como apresentada por Ricoeur num artigo de 1971, intitulado “*Événement et sens*” (“Acontecimento e sentido”). Trata-se de uma conferência ministrada em Roma por ocasião de um colóquio internacional, cujo

2 Importante mencionar que não defendemos nenhum tipo de preponderância das hermenêuticas europeias em detrimento daquelas desenvolvidas em outros continentes. Fazemos referência à hermenêutica alemã somente por ser mais marcante a sua presença nos manuais de Filosofia, sobretudo no Brasil. Felicitamos os esforços, cada vez mais frequentes entre pensadores contemporâneos, de destacar as hermenêuticas não ocidentais. Vale conferir, por exemplo, o trabalho de Wolff (2021), que no cap. VI coteja a hermenêutica ricoeuriana com as de Theophilus Okere, Nkombe Oleko e Okolo Okonda.

texto foi publicado nas atas do colóquio no mesmo ano, e depois reproduzido em 1991 na *Revue Raisons Pratiques*. Mais recentemente, o texto foi republicado nos *Arquivos Ricoeur*, precedido de uma nota editorial de François Dosse (RICOEUR, 1991).

O contexto no qual Ricoeur profere sua conferência é o da predominância do paradigma estruturalista nas ciências humanas, do qual ele era um crítico³. Segundo Dosse, Ricoeur buscava, nesta conferência, resgatar o acontecimento e a diacronia, que naquele momento recebiam um estatuto inferior em relação ao sentido e à lógica da sincronia: “[...] Ricoeur demonstra aqui a necessidade de tomar em consideração o que se passa fora do discurso e a possibilidade de articular o caráter repentino da irrupção acontecimental com a duração de seu traço” (DOSSE⁴, 2022, p. 1).

Nosso texto está dividido em três partes, nas quais buscaremos explicitar a noção ricoeuriana de acontecimento conforme o modelo de um “ritmo musical”, por ele mesmo proposto, a saber:

[...] primeiramente, alguma coisa surge, rebenta, rasga uma ordem já estabelecida; em seguida, uma imperiosa demanda de sentido se faz ouvir, como uma exigência de colocação em ordem; finalmente, o acontecimento não é simplesmente chamado à ordem mas, de alguma maneira que precisa ainda ser pensada, ele é reconhecido, honrado e exaltado como apogeu do sentido (RICOEUR⁵, 1991, p. 1).

Passemos então agora à explicação desses três tópicos, onde buscaremos expor o cerne da teorização de Ricoeur sobre o que é o acontecimento e sobre as relações que ele progressivamente vai estabelecendo com o sentido linguístico. Os riscos dessa relação, bem como as suas maravilhas, estarão no centro de nossa atenção.

3 Não entraremos na querela de Ricoeur com o estruturalismo, tão marcante nos seus textos da década de 1970. Indicamos o artigo “*A estrutura, a palavra, o acontecimento*” (de 1967) como uma útil introdução ao assunto. Cf. Ricoeur (1978, p. 69-83).

4 Texto em francês; todas as citações dessa obra foram por nós traduzidas livremente.

5 Texto em francês; todas as citações dessa obra foram por nós traduzidas livremente.

1. Alguma coisa surge

Nessa primeira camada de análise, o acontecimento será entendido em sua acepção que poderíamos chamar, com Ricoeur, de “física”: um evento da natureza, da linguagem ou do pensamento. Podemos, a título didático, ilustrar com três exemplos:

- a) Uma chuva que cai de modo torrencial;
- b) Um rapaz (digamos, Felipe) que diz “olá” a um homem que acabou de bater à sua porta;
- c) Uma jovem (digamos, Joana) que tem um pensamento sobre como seria bom gerar um bebê.

Nessa primeira aproximação, o acontecimento é uma ocorrência extralinguística – “selvagem” ou “bruta”, dirá Ricoeur num determinado ponto de sua conferência. Adentremos em algumas peculiaridades do acontecimento enquanto mera ocorrência física. Nesse primeiro (e efêmero) momento, o acontecimento é aquilo que *causa surpresa*⁶. Isso porque nem toda ocorrência é acontecimento, mas apenas aquelas que rompem com uma certa ordem estabelecida das coisas, dos fenômenos: “O acontecimento é o novo em relação à ordem já instituída” (RICOEUR, 1991, p. 1).

Para que os exemplos acima possam ser considerados indiscutivelmente acontecimentos, sugerimos alguns acréscimos. Por exemplo, em (a), a chuva torrencial cai não num dia qualquer, mas no dia de uma festa de casamento ao ar livre, a qual fora planejada com muita antecedência pelos noivos e contando com todas as previsões climáticas a seu favor. Em (b), o homem que bateu à porta de Felipe não era um homem qualquer, mas seu progenitor, que estava ausente de sua vida há duas décadas. E, em (c), consideremos que Joana experimenta tal pensamento de modo surpreendente, já que ela sempre sentira e afirmara que não queria ser mãe e tampouco construir uma família.

É evidente que o critério “causar surpresa” tem de ser considerado também do ponto de vista de nossa preocupação subjetiva. Assim sendo, podemos dizer, com Ricoeur, que o acontecimento, nesse estágio da análise, tem um elemento *noético* bastante relevante (relativo ao polo da noese, numa linguagem fenomenológica). Isso porque a surpresa ou a

6 Indicamos, como sugestão de aprofundamento, o trabalho de Patrício Mena Malet sobre a fenomenologia da surpresa, apresentado recentemente (2021) no Grupo de Pesquisa Hermenêutica/PPGFIL-UFPI: <https://www.youtube.com/watch?v=WG0qowTiNB0>

novidade de uma ocorrência qualquer no mundo sempre é relativa à uma ordem de sentido prévia na qual o vivente está inserido, o que é sempre circunstancial. Veremos como, na segunda camada de aproximação do acontecimento, o sentido sobrepujará esse tom noético por uma tonalidade mais *noemática* (relativo ao noema).

Mas a excepcionalidade do acontecimento requer uma significação. Essa solicitação assume a forma de uma busca de sentido, que se apressa em conferir ao acontecimento um significado, que pode ser um significado causal, narrativo ou especulativo, dependendo da natureza do acontecimento. E essa demanda de sentido acaba reduzindo, ou pelo menos abalando, o que seria o cerne do acontecimento nessa primeira camada de análise, que é justamente sua força de irrupção, sua irracionalidade mesma diante de uma ordem prévia. Neste ponto, há um primeiro nível de embate entre acontecimento e sentido, no qual o acontecimento extralinguístico é ameaçado pelo sentido linguístico. Ricoeur observa a predominância deste último listando quatro formas que a demanda de sentido pode assumir, todas equiparando o sentido à explicação: “Os modernos inventaram figuras do sentido tão numerosas quanto as figuras da explicação. Em um trabalho recente, Jean Ladrière⁷ propõe os quatro modos seguintes de explicação, todos dominadores do acontecimento [...]” (RICOEUR, 1991, p. 3).

A fim de compreender melhor a natureza do acontecimento, acompanhem os principais aspectos dessas tentativas de dominação por ele sofridas, analisando três modos de explicação do acontecimento. Veremos que elas se apresentam fortemente ancoradas em justificativas racionais ou científicas.

1.1. As figuras do sentido e a dominação do acontecimento

A primeira figura do sentido analisada por Ricoeur – na esteira de Ladrière – é a da explicação pela *regularidade*. Trata-se da postura que avalia um acontecimento bruto buscando descobrir alguma lei causal, a fim de solapar o seu caráter de irracionalidade, de ocorrer casualmente. Ainda que não chegue a indicar com precisão qual (ou quais)

⁷ Tudo indica que Ricoeur está se referindo à obra “*L’articulation du sens*”, publicada por Ladrière no ano anterior à conferência de Ricoeur (1970). Cf. LADRIÈRE, Jean. *L’articulation du sens: Discours scientifique et parole de la foi*. Paris; Montaigne: CERF; Delachaux & Niestlé, 1970. Traduzido para a língua portuguesa pela EPU/EDUSP em 1977, conforme costa mais abaixo nas Referências.

lei(s) teria(m) instanciado o surgimento de alguma novidade no mundo, a regularidade crê existir uma lei nas bases de tal criação. O impacto dessa primeira figura do sentido é o domínio do acontecimento em seu próprio aparecer, pois, teoricamente, ele poderia vir a ser controlado em ocorrências subsequentes, caso se conheça a lei causal que o tornou possível.

A segunda figura do sentido é a da explicação por *redução*. Nesse caso, se admite que o acontecimento seja excêntrico, porém a suposição de base é a de que a descontinuidade que caracteriza um acontecimento seja apenas um efeito de visão. É como se houvesse um meio subjacente mais estável sobre o qual acontecimentos ocorrem, de modo que sua novidade seria apenas aparente, resultando de uma compreensão parcial dos fenômenos. Nesse caso, a dominação do acontecimento se apoia na pressuposição de que ele é apenas parte de uma totalidade maior e mais abrangente.

Por fim, a terceira figura analisada por Ricoeur e por nós escolhida é a da explicação pela *gênese*. A aposta, nesse ponto, é a de que existiria uma certa inteligibilidade para explicar a novidade trazida pelo acontecimento, de modo que a novidade do acontecimento seria, no fundo, mera sucessão de estados conectados. Mais uma vez, esse tipo de explicação aposta na conexão e na continuidade, instâncias que assolam a irrupção e descontinuidade características do acontecimento.

De maneira geral, o que tais explicações colocam em relevo é uma “redução do acontecimento”: “[...] tudo o que acontece resulta de regras de alguma coisa precedente” (RICOEUR, 1991, p. 3). Ora, mas será a explicação causal o cerne da dificuldade? É por causa dela que o sentido prevaleceria sobre o acontecimento de modo a subjugar-lo? Pelo jeito, não. Ricoeur faz uma segunda aproximação para explicar a relação acontecimento-sentido nesse primeiro momento, a qual não recorre ao modelo de explicação causal herdado da Física, mas à elaborações filosóficas. Trata-se do clássico par conceitual substância-acidente, no qual o acontecimento estaria mais do lado do acidente, e o sentido do lado da substância. Apesar de não investir longamente nessa abordagem, Ricoeur identifica nela o mesmo equívoco presente na anterior, a saber, o de que ela não enseja uma igualdade ôntica entre substância e acidente – na avaliação de Ricoeur⁸.

8 Segundo Ricoeur, tal feito só será promovido nas ontologias contemporâneas a partir dos pós-wittgensteinianos, que passam a considerar a noção de *agir* como central para dissolver os conflitos entre acontecimento e sentido. Aliás, esse é o caminho que seguirá Ricoeur, como veremos mais adiante no nosso tópico 4.

2. O discurso e a inserção do acontecimento na seara linguística

Passemos agora à análise da segunda camada do acontecimento. Trata-se do momento em que ele será integrado por uma articulação propriamente discursiva, mais que de explicação causal. O foco agora são as “enunciações implicando um locutor e um interlocutor” (RICOEUR, 1991, p. 4), pois esse é o plano pragmático no qual operamos em busca de uma compreensão das nossas vivências. Neste segundo momento, o acontecimento já não é mais uma ocorrência bruta ou selvagem – por assim dizer – mas adquire o estatuto de um *acontecimento-palavra*. Isso porque ele já recebeu um significado linguístico para poder ingressar no plano das enunciações.

Um equívoco comum seria equiparar o par sentido-acontecimento ao par saussuriano⁹ língua-palavra. Ricoeur enfatiza que este modelo de uma linguística estrutural não é apropriado para entender a especificidade do acontecimento, pois o par acontecimento-sentido, neste segundo momento, já ingressou totalmente na esfera da língua. O sentido é linguístico, e o acontecimento igualmente também passa a ser linguístico: “A língua não é o sentido, mas o conjunto das tensões sistêmicas que condicionam o acontecimento da palavra. É aqui que se coloca a questão do sentido” (RICOEUR, 1991, p. 4).

É, portanto, na seara da língua que as relações entre sentido e acontecimento passam a ser investigadas agora. A primeira característica dessa etapa é a de que existe uma ultrapassagem (*dépassement*) do significado: ele sai do domínio do ato noético e vai para o domínio do significado noemático. Como no acontecimento-palavra o falante visa um sentido que será transmitido e recebido por um interlocutor, o significado irá adquirir uma independência daquela visada particular de uma dada consciência: “[...] não basta que a consciência se dirija intencionalmente em direção a alguma coisa significada ou que tenha sentido, é preciso ainda que o mesmo significado possa ser identificado e reidentificado precisamente como *o mesmo* em várias ocorrências de discurso” (RICOEUR, 1991, p. 4, grifo nosso).

9 Vale a pena sublinhar que, em diversas ocasiões de sua obra, Ricoeur menciona a linguística de Saussure com o objetivo de marcar a distância de sua hermenêutica em relação à ela. O seu referencial é, antes, o da semântica de Émile Benveniste, que em vez de seguir um modelo estruturalista baseado no signo linguístico, se atém a uma compreensão da linguagem que tem como unidade mínima a frase. Cf., por exemplo, RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação: O discurso e o excesso de significação*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

Uma maneira de entendermos esse processo de ultrapassagem – que é ele todo linguístico – consiste em pensar nas metáforas e nos neologismos. Enquanto são acontecimentos-palavra, eles ocorrem muito estreitamente ligados à inovação que um falante ou uma comunidade imprimiu na língua. Já num segundo momento, quando se cristalizam no uso comum, para além do contexto de sua criação, metáforas e neologismos recaem no polo do sentido. Um ponto importante a realçar é que a própria escrita só se torna possível quando o acontecimento-palavra “liberta” o seu significado nas proposições. Se, por um lado, essa ultrapassagem permite nada menos do que a expressão escrita de um acontecimento, possibilitando a criação espetacular de todas as formas narrativas, por outro, ocorre que fatalmente esse momento marcará a abolição do próprio acontecimento: “o acontecimento-palavra se desvanece no sentido-significado” (RICOEUR, 1991, p. 4-5).

O ganho desse apagamento do acontecimento é a própria comunicação, que só será possível justamente por conta disso. Curioso é que, na comunicação, a referência última da compreensão continua sendo um acontecimento: o acordo ou entendimento dos falantes num diálogo será, ele próprio, um novo acontecimento; porém, agora de linguagem. Em outras palavras, o que se compreende numa conversa não é o acontecimento bruto daquilo que o falante tem em mente, mas o significado que ele ou ela conseguiu efetivar no seu discurso. Na comunicação, o próprio dizer tem como visada a compreensão do outro: é como se esta fosse “a coisa mesma” que a consciência fenomenológica busca atingir. Nas palavras de Ricoeur:

A maior exaltação do acontecimento no contexto da linguagem é aquela da própria comunicação. Dizer alguma coisa a alguém não é apenas visar um sentido, mas antecipar a recepção desse sentido num ato de compreensão do interlocutor; essa troca da intenção de dizer pela intenção de ser compreendido por outro se concretiza no jogo da questão e da resposta, à medida que a troca se desenvolve, duas vezes complexa, onde a intenção de um de ser compreendido pelo outro é duplicada pela intenção do outro de ser compreendido, por sua vez, em sua intenção de dizer (RICOEUR, 1991, p. 5).

Nesse contexto, podemos dizer que, enquanto acontecimento de linguagem, a comunicação visa o *acordo*, que nesse caso significa que as intenções do locutor e interlocutor coincidiram. E isso, aos olhos de Ricoeur, é algo bem mais complexo do que o fato de eles usarem os mesmos termos e expressões; ou ainda, de cotejarem as suas razões e suas

opiniões em meio às divergências próprias da intersubjetividade. É assim que podemos dizer, contrariamente ao senso comum, que comunicar está longe de ser uma mera conversa; antes, comunicar é um acontecimento em que ocorre a *equiparação das visadas*. Esse ponto de vista permite explicar, por exemplo, por que a comunicação é tão difícil¹⁰: *ela é um acontecimento*, e como toda novidade que surge numa série de ocorrências pré-estabelecida, ela é rara e surpreendente:

Assim, a identidade do sentido é a coroação inesperada, improvável, da alteridade do conflito e do diálogo; nos raros e bem-aventurados momentos de acordo, a identidade do sentido se torna ela própria um acontecimento, mas não mais da palavra somente, mas da palavra compartilhada, da partilha das vozes (RICOEUR, 1991, p. 6).

Ora, mas então o acontecimento está perdido para sempre, e então o que resta a se fazer é uma hermenêutica do acontecimento-palavra? Para Ricoeur, não. Chegamos agora ao terceiro momento da sua análise do conceito de acontecimento, no qual ele mostrará como no seio mesmo dessa relação entre acontecimento e sentido ocorrerá o renascimento do próprio acontecimento, tal qual uma fênix. Passemos então a este terceiro e último tópico.

3. O retorno do acontecimento ou o ‘fazer acontecer’ no plano narrativo

Se no tópico anterior nos movemos no âmbito da linguagem, neste terceiro mais um elemento será acrescentado em nossa análise: *a ação*. O acontecimento agora será abordado não como uma mera novidade no mundo, mas como *uma novidade instaurada por um sujeito que fala*. Ricoeur assente que agora situará a discussão no mesmo terreno da terceira antinomia kantiana, no qual o acontecimento será equiparado ao poder de *começar* algo no mundo. É indiscutível que entra em cena a complicadíssima noção de *iniciativa*, com todos os seus paradoxos e armadilhas.

10 Nós desenvolvemos este tema mais pormenorizadamente num artigo intitulado “Acolher o outro: Notas sobre a comunicação em Nabert e Ricoeur” (Revista Pensando, V. 12, N. 26, 2021), disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/12649/7772>

Para Ricoeur, a noção de iniciativa ganhará corpo quando ela se inserir no plano das narrativas. Não entraremos neste ponto, mas essa formulação permite entrever, aparentemente com forte nitidez, o mote das teses que ele desenvolverá quase quinze anos mais tarde na trilogia *Tempo e narrativa* (1983/1984/1985)¹¹. Antes de entrar na discussão sobre o acontecimento no plano das narrativas, é importante observar que a iniciativa, quando abordada no âmbito da linguagem-ação, assume o aspecto de uma *intervenção* – aqui entendida enquanto uma “resolução prática” dos dilemas especulativos da iniciativa. Na intervenção, o que é produzido não é apenas um novo estado mental (uma compreensão do sentido), mas efetivamente um “novo estado de coisas no mundo” (RICOEUR, 1991, p. 6), por meio do sentido comunicado na linguagem. A intervenção se insere em duas “ordens”, segundo Ricoeur: a “ordem das coisas” e a “ordem das razões”.

Na ordem das coisas, a intervenção prática é um acontecimento de linguagem-ação que atua contribuindo para efetivar “os estados de um sistema dinâmico relativamente fechado” (RICOEUR, 1991, p. 6). Em outras palavras, trata-se de uma enunciação que atua muito mais como uma *descrição* dos acontecimentos brutos. Se retomarmos aqueles três exemplos do nosso tópico 2, teremos as seguintes enunciações:

- a) “Choveu torrencialmente”;
- b) “Felipe disse ‘oi’ ao homem à sua porta”;
- c) “Joana imaginou que seria bom engravidar”.

Já na ordem das razões, a intervenção prática “visa anular o arbitrário da iniciativa” (RICOEUR, 1991, p. 6). Por meio de diversos cálculos, as razões visam, inicialmente, justificar a iniciativa, para elevá-la à categoria de um acontecimento que inicia algo no mundo. No entanto, pode ocorrer de, nesse intento, as razões acabarem por enfraquecer a ordem das coisas: esse é um risco constante do acontecimento no plano da linguagem-ação. Ainda recorrendo aos exemplos utilizados no nosso tópico 2, vejamos como poderiam se configurar as enunciações nessa segunda ordem:

- a) “Choveu torrencialmente porque havia nuvens pesadas no céu”;
- b) “Felipe disse ‘oi’ ao homem à sua porta, pois assim se faz uma pessoa bem-educada”;
- c) “Naquele momento de grande animação, Joana imaginou que seria bom engravidar”.

11 Cf. nas Referências a nova tradução da trilogia, pela Martins Fontes (RICOEUR, 2010a, 2010b, 2010c).

Talvez não seja difícil perceber que a intervenção, no plano da ordem das razões, possa acabar inadvertidamente ofuscando o próprio acontecimento. Para ficar apenas no exemplo (a), nós vimos que o cerne do acontecimento não foi, em si, a chuva torrencial, mas sim o fato de ela ter estragado os planos dos noivos de uma festa de casamento ao ar livre. É precisamente nesse momento que entra a narrativa, no intuito de “socorrer” o enlace do acontecimento e do sentido. A narrativa terá uma dupla função: *integrar e exaltar* o acontecimento.

Ao tentar integrar o acontecimento, existe o risco de acabar por anulá-lo, tal como nos exemplos que acabamos de mencionar. Mas a segunda função da narrativa diante da tarefa de começar algo no mundo por meio de uma ação linguística é que interessará melhor aos propósitos de Ricoeur: ao ser exaltado numa narrativa, o acontecimento pode atingir o patamar de um *acontecimento-fundador*, passando então a engendrar o sentido a partir de si próprio. É por isso que podemos afirmar que a narrativa “salva o acontecimento”: “é a inteligência narrativa que *salva* o acontecimento no próprio movimento em que ela o pensa. O acontecimento é ao mesmo tempo compreendido, isto é, incluído, englobado e reconhecido como sendo irreduzível ao sentido” (RICOEUR, 1991, p. 7, tradução e grifos nossos). A partir deste momento, o acontecimento passa a engendrar o sentido. Vejamos como isso é possível.

A narrativa opera recolhendo a contingência na necessidade. Em outros momentos, Ricoeur usou a belíssima fórmula “transformar o acaso em destino”, que inclusive está subjacente à sua grandiosa análise de como se dá a composição de uma intriga¹² na trilogia *Tempo e narrativa*:

[...] o ato de composição da intriga combina em proporções variáveis duas dimensões temporais, uma cronológica, outra não cronológica. [...] A segunda é a dimensão configurante propriamente dita, graças à qual a intriga transforma os acontecimentos *em* história. Esse ato configurante consiste em ‘tomar conjuntamente’ as ações particulares ou o que chamamos os incidentes da história; dessa diversidade de acontecimentos, ele tira a unidade de uma totalidade temporal (RICOEUR, 2010, p. 115-116).

É nesse ponto que a narrativa tem potencial para recuperar aquela simples ocor-

12 Trata-se da assim chamada “*mimesis IP*”. Em *Tempo e narrativa I*, Ricoeur (2010) analisa longamente as relações entre vida e narrativa, propondo a tese de que esta dinâmica se dá em três momentos: refiguração (“*mimesis P*”), configuração (“*mimesis IP*”) e refiguração (“*mimesis IIP*”).

rência e promovê-la a evento fundador do sentido, seja de uma vida, seja da história. Para fins didáticos, vamos seguir na esfera das vivências individuais abordadas por nossos exemplos. Vejamos como ficaria o acontecimento após ser englobado por uma narrativa e se tornar um evento-fundador:

- a) O que era uma chuva imprevista num dia de festa ao ar livre adquirirá o sentido que a narrativa engendrar: anos depois, poder-se-á atribuir o sucesso ou mesmo o fracasso do casamento à chuva torrencial jamais esquecida;
- b) O que era uma visita bastante inesperada, e talvez mesmo indesejada, adquirirá o sentido que a inteligência narrativa encaminhar: o reencontro com o pai ausente pode ter dois sentidos: o de início de um ciclo harmonioso na vida da jovem, mas também o de prenúncio de uma catástrofe pessoal;
- c) O que era um pensamento inusitado marcará uma nova compreensão de toda uma vida: o fato de cogitar engravidar pode ser significado de duas maneiras: enquanto uma vontade de moldar a vida familiar assumindo-se novos papéis sociais, mas igualmente enquanto um deslize irracional que a jovem não queira acolher.

Dizer que o acontecimento “é salvo” significa que ele contribuirá para o *avanço* de uma história que se conta; e isto jamais poderia ser feito no plano “selvagem” da simples ocorrência. Tendo em vista as grandes narrativas históricas, Ricoeur chega a usar a expressão “super-acontecimento”¹³ para se referir justamente ao *retorno do acontecimento no plano narrativo*: “O estatuto desse *super-acontecimento* é surpreendente: pois ele é coextensivo à história de longa duração e não poderia, portanto, ser revelado de outra maneira senão por ela” (RICOEUR, 1991, p. 7, tradução e grifos nossos).

É dessa forma que o acontecimento, quando retorna no plano da linguagem-ação, permanece instaurando uma novidade no mundo: esta novidade é nada menos que a *origem* de uma história (seja de uma vida, seja de um povo): “É justo dizer que, enquanto ocorrências, estes são acontecimentos insignificantes, ordinários, e até mesmo em grande medida fictícios. Nós podemos sobretudo dizer que são as narrativas que deles fazemos que, ao maximizá-los, os estabelecem como acontecimentos fundadores” (RICOEUR, 1991, p. 8-9).

13 Neste ponto do texto, Ricoeur dialoga com a obra *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*, de Fernand Braudel (Edusp, 2016): “[...] o conjunto dos três tomos faz surgir um acontecimento de grandes proporções, a morte do Mediterrâneo enquanto grande ator da cena da história no Século XVI” (RICOEUR, 1991, p. 7).

É assim que talvez possamos dizer que Ricoeur, ao recuperar o acontecimento no plano da linguagem-ação, salva igualmente o sentido. Porém, por uma via desviante na qual o sentido também sai enriquecido pelo acontecimento que ele engloba.

4. Conclusão

Neste breve texto, procuramos colocar em destaque a conceituação que Ricoeur faz da noção filosófica de *acontecimento* com o intuito de destacar aspectos de sua fenomenologia, com recorte no período dos anos 1970-1980. Procuramos explorar uma via de entrada na fenomenologia ricoeuriana que fosse independente das elaborações hermenêuticas que, posteriormente, passariam a ser sua via privilegiada de análise filosófica.

Exploramos três camadas de análise, assim divididas: o acontecimento bruto, o acontecimento sublimado pelo sentido, e o renascimento do acontecimento enquanto novidade narrativa. Esta divisão teve caráter meramente didático, através da qual buscamos enfatizar que, aos olhos de Ricoeur, seria incompleto falar de acontecimento sem se considerar a sua progressiva inserção nos âmbitos do sentido, da narrativa e da ação.

Creemos poder supor que a estreita relação entre acontecimento e sentido neste texto sumariamente apresentada será o mote da trilogia *Tempo e narrativa*. Acreditamos que, num estudo futuro, poderiam vir a ser exploradas as correlações entre as três *mímesis* esmiuçadas nesta obra de 1983/1984/1985, assim como as três camadas de análise do acontecimento na conferência de 1971, na Itália. A diferença nas formulações estaria no ponto de vista da análise, a nosso ver: enquanto prefiguração, configuração e refiguração são enxergadas pelo viés da narrativa, as três camadas por nós exploradas exibem uma análise pelo viés do acontecimento. Foi por esta única razão que optamos por nos basear prioritariamente no artigo de 1971, e não na majestosa *Tempo e narrativa*.

Referências

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2016. (Coleção Os Fundadores da USP).

DOSSE, François. Note éditoriale. *In*: RICOEUR, Paul. Événement et sens. **Fonds Ricoeur**, IIA471, 1991. Disponível em: <<https://bibnum.explore.psl.eu/s/psl/ark:/18469/mx4d>>. Acesso em: 5 de nov. de 2022.

HUSSERL, Edmund. **Idées directrices pour une phénoménologie**. Tome premier: Introduction a la phénoménologie pure. Traduit de l'allemand par Paul Ricoeur. Paris: Gallimard, 1950.

IHDE, Don. **Hermeneutic Phenomenology: The Philosophy of Paul Ricoeur**. Evanston: Northwestern University Press, 1971.

KEARNEY, Richard. **On Paul Ricoeur: The Owl of Minerva**. Burlington: Ashgate, 2004.

LADRIÈRE, Jean. **A articulação do sentido**. Trad. e prefácio Salma Tannus Muchail. São Paulo: EPU/Edusp, 1977.

MALET, Patricio Mena. Uma pequena fenomenología de la sorpresa en Ricoeur. *In*: **Grupo Hermenêutica**, canal do Youtube. (42 min.). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WG0qowTiNB0>>. Acesso em: 3 jan. 2023.

MEIRELES, Cristina Amaro Viana. Acolher o outro: Notas sobre a comunicação em

Nabert e Ricoeur. In: *Pensando – Revista de Filosofia*. Vol. 12, N. 26, 2021, p. 109-126. Disponível em <<https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/12649/7772>>. Acesso em: 3 jan. 2023.

PELLAUER, David. **Compreender Ricoeur**. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2009.

PRADELLE, Dominique. Ricoeur lecteur de la phénoménologie transcendantale: entre idéalisme et engagement ontologique. *Philosophie*, 2017/1, Paris, n. 132, p. 7-30.

RICOEUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. Tradução de Silvio Rosa Filho e Thiago Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Coleção Filô).

_____. **Da interpretação**: Ensaio sobre Freud. Tradução de Hilton Japiassu. Rio: Imago, 1977.

_____. Événement et sens. **Fonds Ricoeur**, IIA471, 1991. Disponível em: <<https://bibnum.explore.psl.eu/s/psl/ark:/18469/mx4d>>. Acesso: em 5 nov. 2022.

_____. **O conflito das interpretações**: Ensaios de Hermenêutica. Tradução de Hilton Japiassu. Rio: Imago, 1978.

_____. **O justo**. Vol. 1: A justiça como regra moral e como instituição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Philosophie de la volonté**. 1. Le volontaire et l'involontaire. Paris: Éditions Points, 2009a.

_____. **Philosophie de la volonté.** 2. Finitude et culpabilité. Livre I: L'homme faillible. Paris: Éditions Points, 2009b, p. 35-199.

_____. **Tempo e narrativa 1:** A intriga e a narrativa histórica. Tradução de Claudia Berliner; introd. Hélio Gentil. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

_____. **Tempo e narrativa 2:** A configuração do tempo na narrativa de ficção. Tradução de Márcia Valéria M. Aguiar. Rev. da Trad. de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

_____. **Tempo e narrativa 3:** O tempo narrado. Tradução de Claudia Berliner; Rev. Da Trad. Márcia Valéria M. Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010c.

_____. **Teoria da interpretação:** O discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

SANTOS, Ricardo Fernandes dos. **Paul Ricoeur e a análise da decisão:** Alcances e limites da fenomenologia em 'O Voluntário e o Involuntário'. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SIMMS, Karl. **Paul Ricoeur.** London and New York: Routledge, 2003, (Serie Routledge Critical Thinkers).

WOLFF, Ernst. **Lire Ricoeur depuis la périphérie:** Décolonisation, modernité, herméneutique. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 2021.